

O Turismo na Geografia: entre críticas e conceitos

Resumo

O Turismo possui ambiente na Geografia para realização de investigações em nível *scritu sensu* no Brasil. Mas de certa forma, a temática é criticada por não se encaixar nos paradigmas marxistas que permeiam grande parte das discussões, principalmente dos geógrafos críticos. Assim, esta abordagem se propõe a discutir as possibilidades de convencimento dos estudos do Turismo na Geografia, tendo em vista que o capitalismo é um fato e que a atividade pode trazer tanto benefícios quanto malefícios para a configuração dos espaços e relacionamento com as comunidades. Para tanto, são apresentados conceitos e um escopo de nomenclaturas para os estudos do Turismo na Geografia, vindo fortalecer essa relação com bases teóricas e epistemológicas. Defende-se o termo Geografia do Turismo para o estabelecimento dessa relação.

Palavras-chave: Turismo. Geografia. Geografia do Turismo.

Introdução

A presente discussão sobre o posicionamento dos estudos do Turismo na Geografia deve-se ao fato do ambiente para pesquisa *stricu sensu* em Turismo ser restrito no Brasil. Em 2011 encontram-se seis mestrados específicos em funcionamento e nenhum doutorado. Assim, os pesquisadores da área buscam desenvolver suas investigações e proposições de cunho científico em diversos programas de pós-graduação, haja vista que a interdisciplinaridade permeia a maioria deles e existe a grande área multidisciplinar que abriga temas de distintas perspectivas que necessitam a interrelação de saberes. Neste cenário, a Geografia acaba por receber estudiosos do Turismo, também pelo fato de ser uma ciência que aborda a temática já há bastante tempo, tendo registros tão antigos quando na ciência econômica.

Dos 47 programas de pós-graduação em Geografia funcionando no país, 21 oferecem doutorados, sendo que em 2011 cinco novos foram autorizados, sendo um de caráter profissional. Até 2005 existiam 22 departamentos de Geografia oferecendo mestrados e doutorados. Sendo assim, quase metade possui uma produção acadêmica recente, mas em franca expansão.

Percebe-se que a pesquisa em Turismo possui ambiente para desenvolvimento dentro da Geografia (ALBACH, 2010), mas que necessita de posicionamento teórico-

epistemológico para reflexões mais sólidas. No Brasil, tradicionalmente os programas de pós-graduação em Geografia tem influência do movimento crítico que se apóia na divisão em estudos do ambiente físico e humano, e relativiza suas discussões dentro de um viés marxista que critica a soberania do capital e valoriza as relações sociais. Assim, o Turismo surge como atividade (fenômeno) que cria espaços de exclusão causando impactos negativos às comunidades e valorizando de forma exacerbada as relações capitalistas.

Há pouca abertura para discursos que defendam o Turismo como positivo para as localidades receptoras, como atividade socioeconômica que pode criar espaços interessantes de desenvolvimento em áreas rurais e urbanas.

Alguns geógrafos, como Diniz (2011) se opõe a lógica marxista impregnada nos debates geográficos, tendo em vista que as interpretações de Marx não valem mais para o mundo globalizado que possui o capitalismo como fato, e que possui ônus e bônus dessa realidade. O autor comenta que os índices de desenvolvimento humano (IDHs) vêm crescendo em todo o globo, assim como o poder de compra e conseqüente aumento da qualidade de vida. No Brasil, por exemplo, praticamente inexiste a fome, o que se observa é que as classes menos favorecidas querem aumentar e variar seus cardápios, tendo acesso a produtos consumidos pela classe média.

Diniz (2011) aponta temas que são recorrentes nas pesquisas em Geografia que se apóiam numa ideologia já distante da realidade, como: “o capitalismo é a causa de todos os problemas sociais, espaciais e ambientais; numa economia de mercado, a modernização tecnológica é excludente e antiecológica; ao contrário das empresas, comunidades tradicionais e movimentos sociais são virtuosos; outro mundo é possível”.

Os discursos mais corriqueiros caminham para essas conclusões que limitam as possibilidades de temas que se encaixam na ideia de sociedade global, já que essa se encontra dentro de um espaço que é gerado pelas relações do capital e não há tendência de implementação de outro regime que faça com que essa lógica se inverta. O Estado não consegue dar conta das necessidades das populações e acabam por buscar nas empresas (capital privado) o suporte para a execução de atividades antes a ele atribuídas, e observa-se que esta relação apresenta-se como alternativa para o desenvolvimento.

Neste contexto o objetivo desta abordagem é discutir conceitos e nomenclaturas para os estudos do Turismo na Geografia defendendo sua inserção como atividade da atualidade que merece ser analisada por seus aspectos totais, positivos e negativos.

Para iniciar e embasar a reflexão, é necessário apresentar as características da Geografia Crítica dentro do pensamento geográfico.

A Geografia Crítica

A primeira obra da Geografia Crítica ou Radical atribui-se ao geógrafo francês Yves Lacoste, “A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, de 1976. O movimento da Geografia Crítica teve grande força no Brasil. Os geógrafos locais contribuíram de maneira significativa para as discussões da Geografia Crítica mundial, tendo no livro “Por uma Geografia Nova”, de 1978 de autoria de Milton Santos, um dos marcos dessa corrente (MORAES, 1999).

Essa corrente surge em oposição ao pensamento da Nova Geografia que vinha justificar a expansão capitalista e seu poder imperialista. Por exemplo, no período da ditadura militar no Brasil essa foi a Geografia oficial apoiada pelos grandes Estados capitalistas, sobretudo os Estados Unidos.

A Geografia Crítica possui base no materialismo histórico e na dialética marxista. Atribui-se a Marx a abordagem metodológica do materialismo histórico, mesmo ele nunca tendo usado esse termo, onde há a defesa de que a evolução histórica, desde as sociedades mais remotas até à atual, se dá pelos confrontos entre diferentes classes sociais numa espécie de exploração do homem pelo homem. A teoria de Marx serve também para explicar as relações entre sujeitos (MORAES, 1999).

A corrente crítica não foi apoiada pelo Estado capitalista, já que assim não poderia desempenhar papel de controle. Ao contrário da Nova Geografia, “a Geografia crítica descobre o Estado e os demais agentes da organização espacial: os proprietários fundiários, os industriais, os incorporadores imobiliários, etc.” (CORRÊA, 1991, p. 21).

Diniz (2011) comenta que Lacoste mesmo sendo desta corrente possuía preocupação no uso das ideias de Marx, já que essas não foram desenvolvidas com base em fenômenos relacionados ao espaço, e assim a base seria a teoria econômica marxista ou o estudos históricos que não eram, por si só, geográficos.

Com esta contextualização da geográfica crítica pode-se então apresentar, em que pilares o Turismo surge nesta ciência.

Um Turismo e uma Geografia

A Geografia buscou em diversos filósofos, que não fizeram estudos necessariamente geográficos, como Marx, embasamento para uma série de correntes de pensamentos na Geografia sempre com ideias aceitas por uns e refutadas por outros. Um dos casos é da Geografia Cultural que foi liderada pelo geógrafo Carl Sauer, mas que possui bases de discussões e apoio metodológico em Edmund Husserl, Maurice Merleau-Ponty, Martin Heidegger, Jean Paul-Sarte, entre tantos outros filósofos que se utilizaram-se, por exemplo, da fenomenologia.

As temáticas que tendem a se destacar criando nichos dentro desta ciência, além da tradicional visão: Geografia Física e Geografia Humana, tendem a ser alvo de críticas. Ainda mais, áreas que por si só não são consideradas científicas, como é o caso do Turismo, tendem a ser mais combatidas, assim como aquelas que privilegiam o mercado em sua aplicação prática.

O posicionamento de Carlos (2007) destaca bem essa afirmação, onde em um colóquio ela inicia criticando que Geografia Cultural não se preocupa mais apenas com as relações espaciais produzidas pelos diferentes conjuntos culturais, mas chega a se preocupar com as experiências dos indivíduos, tendo uma possível sociedade imaginária e não mais factual. Também combate a Geografia Aplicada que se submete às exigências e necessidades do Estado na elaboração, por exemplo, de relatórios de impactos ambiental. E se contrapõe também a uma “certa Geografia do Turismo” (grifo de Carlos), onde discute que o turismo vem criar uma lógica competente para vender lugares e que esse fato não faz parte da ideologia dos geógrafos:

A Geografia do turismo produz dois tipos de trabalho, de um lado a produção de uma análise crítica do turismo enquanto nova atividade econômica, produto da extensão preocupada com o desvendamento do momento da reprodução do espaço, onde o turismo como um novo ramo da economia requer uma análise aprofundada sobre seu papel na reprodução social; e de outro lado mostra a preocupação com as necessidades do mercado que encontra no turismo um elemento de reprodução do capital, através da venda de particularidades do espaço. Nesta direção, coloca-se a tarefa para o

pesquisador, de criar as estratégias capazes de tornar atrativos, os lugares para consumo, numa sociedade em que todos os momentos da vida cotidiana se acham penetrados e dominados pela realização da mercadoria. Nesse sentido o turismo e o lazer, enquanto momento da reprodução do espaço - suscitados pela extensão do capitalismo - tornam-se mercadoria de desfrute, passíveis de serem consumidos e isto coloca aos geógrafos a preocupação de pensar no potencial de “venda dos lugares” capazes de reunirem atrativos turísticos, através da produção de um “discurso competente”.

Curioso, como também comenta Xavier (2007) é como alguns geógrafos se apropriam do turismo como um fenômeno essencialmente geográfico. E no caso da citação da autora, ela posiciona apenas alguns aspectos restritivos do turismo no espaço e a preocupação dos geógrafos “sucumbirem” a lógica capitalista para interpretar e promover um espaço turístico, como se esta fosse uma necessidade geral. Vale ressaltar que Carlos possui diversas publicações sobre o turismo com enfoque crítico.

As ciências se valem dos métodos gerais para estudar objetos específicos. É possível com métodos gerais estudar o Turismo que, por si só, é um objeto declarado onde podem ser considerados os fluxos de pessoas transitando pelo globo em micros e macros escalas por motivos diversos envolvendo questões sociais, econômicas, ambientais, culturais e tecnológicas. Numa definição do objeto de estudo geográfico pode-se ter o espaço. Que se caracteriza como o ambiente de relações do homem imprimindo seu modo de vida, seus anseios e suas necessidades na paisagem. O espaço geográfico é a morada, potencial ou de fato, do homem, sem o qual tal espaço não poderia sequer ser pensado. Ambos os objetos são amplos e permitem diferentes visões de interpretações e vieses de estudos. Assim, mesmo com um certo combate, o termo espaço turístico possui aceitação na Geografia e justificando que toda a movimentação turística ocorre neste espaço é possível se desenvolver análises e proposições decorrentes deste tema.

Cruz (2003), também geógrafa, comenta que os deslocamentos que possibilitam a realização do turismo, implicam em reflexos em diversas porções do espaço, tanto nos emissores, quanto nos espaços de deslocamento e nos receptores, onde as intervenções são mais marcantes. Uma ideia que amplia o escopo de discussão da atividade turística. Mas, ressalta que o espaço é o principal objeto de consumo do turismo, como enfatiza Cruz (2003) nenhuma outra atividade consome de forma elementar espaço, como faz o

turismo, e por esse processo de consumo dos espaços é que faz a gestão dos territórios turísticos.

Outro geógrafo francês, Knafou (1999) define diferentes relações com o turismo e o território na primeira possibilidade o autor argumenta que apesar da “turistificação” de uma parte do espaço mundial, com o progresso nos transportes e o aumento das facilidades de acesso, ainda existem muitos territórios sem turismo; a segunda possibilidade consiste na existência de um turismo que não é resultado da iniciativa de turistas, mas de operadores voltados para o mercado, não sendo suficiente para caracterizar um território turístico por não ocorrer uma real apropriação do espaço pelos turistas, consistindo, então, em lugares de passagem, onde o turista só faz uma incursão; a terceira e última possibilidade de relação entre turismo e território corresponde à existência do território turístico, territórios criados pelos turistas, mais ou menos retomados pelos planejadores e operadores da atividade turística. Permitindo com suas reflexões, também ampliar as discussões dessa Geografia que tem dificuldades em ter um nome.

Dentro da ideia do espaço geográfico e dos territórios turísticos, contextualizam-se aqui estudos do Turismo na Geografia.

Contexto do estudo em Turismo na Geografia

Desde o século XIX o fenômeno turístico desperta interesse nos geógrafos. A partir dos anos 50 do século XX as teorias do espaço turístico são desenhadas.

É possível encontrar menção sobre esse fato em clássicos como Kohl (1808-1850), Hettner (1859-1941) e Hassert (1866-1947) que encontravam dificuldades em estabelecer o que era o espaço turístico (LUIZ GÔMEZ *apud* VERA *et al*, 1997).

Na literatura do turismo, Jovicic (*apud* REJOWSKI, 1996) registra no início da década de 1870 o primeiros trabalhos sobre esse tema, grande parte deles tratando de Geografia e Economia.

Wolf e Jorckzek (*apud* REJOWSKI, 1996) analisando a evolução do turismo na Alemanha, situam no começo de 1900 seus primeiros estudos com enfoque geográfico nas obras do turismo *Die Bedeutung dês Fremdenverkehr* (A importância do

turismo), de Brougier, em 1902, e *Der Fremdenverkehr* (O Turismo) de Stradner, em 1905, sendo que este autor que introduziu o tema Geografia do Turismo na terminologia científica da atividade. Sputz, em 1919, com a *Die Geographischen Bedingungen und Wirkungen des Fremdenverkehrs* (Condicionantes geográficos e efeitos do turismo) foi um dos primeiros autores a relacionar as viagens turísticas ao deslocamento espacial.

VERA *et al* (1997) comentam que nos anos de 1940 a Geografia do Turismo aparece como parte da Geografia do Transporte e das Comunicações. No Reino Unido, desde 1965 a recreação era um tema tratado pelos geógrafos ingleses, e aspectos turísticos apareciam nas obras de Geografia Geral.

Para Vera *et. al.* (1997) o desenvolvimento de propostas metodológicas para o estudo geográfico do ócio, e particularmente do Turismo, foi acontecendo ao mesmo tempo do desenvolvimento dos paradigmas de disciplinas como: antropogeografia, geografia fisionômica, geografia morfogenética, geográfica-paisagística, social-distancial e espacial.

Para Pearce (2003), o Turismo é a extremidade de um amplo aspecto do lazer. O autor cita que nos anos de 1960 haviam estudos ideográficos focados em uma parte do sistema turístico: o destino. Ele buscou olhar o sistema como um todo acreditando que a pesquisa geográfica pode contribuir ao planejamento, desenvolvimento e gerenciamento da relação: origem – ligação – destino. Pearce preocupou-se com modelos que pudessem esclarecer essa relação no espaço turístico.

Um momento histórico para a pesquisa em Turismo e Geografia considerado por Vera (1997) foi a criação, em 1972, do Grupo de Trabalho de Geografia do Turismo, Ócio e Recreação dentro da própria União Geográfica Internacional (UGI). O reconhecimento da relevância do tema pela UGI culminou em 1980, quando passou de Grupo, à Comissão de Geografia do Turismo, Ócio e Recreação e, na atualidade, a Comissão de Geografia do Turismo, Recreação e Mudança Global.

Castro (2006, p. 168) reflete sobre o desenvolvimento da pesquisa em Geografia e Turismo no Brasil explanando que enquanto as décadas de 1970 e 1980 marca no país “as primeiras reflexões e teorizações acadêmicas pelo olhar do geógrafo pesquisador em Turismo, os centros acadêmicos europeus vivem o auge dessas tematizações em teses e trabalhos empíricos”. Assim, Castro questiona o desinteresse ou alienação do geógrafo brasileiro pela pesquisa no turismo que provocava interesse no

em departamentos de Geografia do mundo como nos Estados Unidos, no Canadá, na Nova Zelândia e na Austrália.

Castro (2006, p. 168) ainda conclui que uma das razões para o desinteresse dos departamentos de Geografia do Brasil poderia ser “a historicidade do peso do Turismo como prática social e atividade econômica na vida nacional que, por sua vez, relaciona-se às políticas nacionais e setoriais”.

Esta realidade tende a se transformar e já é possível observar o aumento de estudo do Turismo na Geografia nos anos 2000. O Turismo vem tendo maior abrangência na discussão do território nacional, principalmente após a implantação de políticas, como o PNMT – Programa Nacional de Municipalização no Turismo nos anos de 1990 e com a criação do Ministério do Turismo (2002/2003), além do aumento do poderio econômico que permite que as viagens façam parte da realidade da maioria das classes sociais.

Sugere-se para situar os estudos de Geografia e Turismo, as seguintes abordagens e nomenclaturas e que podem ser complementadas.

Geografia Turística

Termo da parte técnica do Turismo, seu estudo faz-se necessário para o ambiente operacional e não para discussões no ambiente acadêmico e científico. Esta geografia turística é informativa por meio de descrições visando mapear os espaços turísticos no mundo, tendo bases na geografia geral.

Rodrigues (2002) critica que as escolas acadêmicas do mundo tendem a ensinar esse tipo de geografia turística que possui base geográfica, locacional e descritiva. Esta vem destacar lugares e recursos turísticos sem a preocupação de explicar a relação sociedade e natureza. Percebe-se que em disciplinas da geografia no curso de Turismo, essa visão ainda é bastante empregada, sendo necessário ampliar as discussões.

Geografia do Lazer - Geografia Recreacional

É uma área independente do turismo, que possui estudos específicos. Apesar do turismo, do lazer e da recreação estarem intimamente ligados, o lazer é mais amplo que o turismo, sendo o turismo uma atividade do lazer.

Geografia Recreacional é termo comum de disciplina nos Estados Unidos. Publicações desse enfoque são destaque nos periódicos: *Journal of Leisure Research* e a *Leisure Sciences* (GOLDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002).

Hall e Page (1999) evidenciam o termo Geografia do Turismo e da Recreação separando as análises do trabalho e as viagens à negócios, e dentro do lazer o turismo e a recreação.

Nos anos de 1970 e 1980 há o desenvolvimento de uma chamada Geografia do Ócio e do Turismo principalmente na Espanha, com especial foco na recreação fundamentada nos espaços rural e natural (VERA *et. al.*, 1997).

Geografia do Turismo

Na Geografia do Turismo é possível estabelecer as mais diversas relações entre Geografia e Turismo, permitindo a interdisciplinaridade nos estudos. Pode haver evidência de categorias de análise geográfica: espaço, território, paisagem e lugar. Além, do polêmico conceito de região que da forma como é utilizado no turismo brasileiro, por exemplo, no Programa de Regionalização do Turismo, não atende as bases de pensamento geográfico por criar regiões que acabam por serem, de fato, territórios, submetidos a uma definição do Estado.

Para Pearce (2003) Defert em 1966 foi um dos primeiros geógrafos franceses a prestar uma destacada contribuição à geografia do turismo:

Escreve sobre um *espace distance* (distância) que separa a residência permanente da residência sazonal, e sobre o *espace milieu* (espaço do meio), onde os turistas passam suas férias. Na década seguinte, Miossec (1976) fala do *espace parcouru* (espaço percorrido) e de um *espace occupe* (espaço ocupado) como envolvendo um *lieu de déplacement* (lugar de deslocamento) e um *lieu de séjour* (lugar de estada) (PEARCE, 2003, p. 26).

Como em outros ramos da Geografia, o estudo espacial das atividades turísticas foi passando progressivamente por um tratamento descritivo e outro explicativo, passa de uma fase ideográfica (como citado por Pearce) a outra que coloca em destaque a busca de leis gerais para estabelecer uma teoria do espaço turístico, como pode-se observar nesta classificação de Vera et. al (1997):

- a) Geografia Clássica – desde o naturalismo ou determinismo até o possibilismo historicista francês e a tradição corológica alemã, o objeto de estudo se centra nas influências que os fatores físicos e antropogeográficos têm sobre o aparecimento e desenvolvimento do turismo.
- b) Geografia Neopositivista – busca as regularidades existentes e a distribuição de fenômenos espaciais, sendo que o Turismo e a recreação foram campo de provas para o neopositivismo, um exemplo foi Christaller (1955) apud Vera et. al (1997): com a teoria dos espaços centrais. Pode-se dizer que nesta Geografia neopositivista começou a teorização a partir dos anos de 1970 do ócio e do turismo e sua produção econômica e na organização do espaço.
- c) Nova Geografia (Geografia Radical (Crítica), Geografia Humanista, Nova Geografia Regional etc.) – renega o pensamento positivista (reducionista e formal) que vem considerar os comportamentos espaciais como a expressão concreta das necessidades reais de determinados grupos humanos no campo do ócio. Mas, a Geografia Humanista (anos de 1980) não se destacou na sistematização teórica do espaço turístico. A nova dinâmica da sociedade pós-industrial afeta os novos comportamentos turísticos.
- d) Geografia Pós-modernista – influi no pensamento de planejamento e apreensão e estudo do fenômeno turístico, e acaba por influenciar os fundamentos da Geografia do Turismo e sua perspectiva evolutiva.

Rodrigues (2001, p. 95) destaca que “a Geografia do Turismo serve para alimentar e irrigar a reflexão na Geografia”. O contrário também é válido – é necessário aprofundar-se na reflexão geográfica para entender o fenômeno no turismo, contemplando sua natureza complexa e multifacetada, percorrendo os campos ecológico, sociológico, antropológico, psicológico, cultural, político, jurídico, ideológico com significativas incidências espaciais.

Para Coriolano e Mello e Silva (2005, p.21) “a Geografia é a ciência do espaço e o Turismo concretiza-se nos espaços geográficos”. Por meio dela, é possível compreender as singularidades dos lugares onde se habita e onde se faz turismo, saber o que o diferencia e aproxima os seres humanos, entender as formas de relações socioespaciais, ou como diferentes sociedades interagem com a natureza nessa construção.

Para estes autores “a incumbência da Geografia do Turismo é ler o mundo, explicar e interpretá-lo, para entender a mobilidade dos fluxos turísticos” (CORIOLANO E MELLO E SILVA, 2005, p.22).

No Brasil, um marco da pesquisa de Geografia e Turismo foi O Seminário Internacional “Sol e Território” em 1995 que reuniu pesquisadores latino-americanos e europeus. Desse evento foram gerados três livros, publicados pela Editora Hucitec: “Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais”, organizado por Adyr A Balastrieri Rodrigues; “Turismo: impactos socioambientais”, organizado por Amália Inês G. de Lemos; e “Turismo: espaço, paisagem e cultura”, organizado por Eduardo Abdo Yásigi, Ana Fani Alessandri Carlos e Rita de Cássia Ariza da Cruz. Este evento deu origem ao I Encontro Nacional de Turismo com Base Local - ENTBL, em 1997 que em 2010 realizou o décimo primeiro Encontro.

No mundo, uma revista científica importante é a *Tourism Geographies* que desde 1999 vem proporcionando um fórum para a apresentação e discussão de perspectivas geográficas em turismo e em áreas relacionadas aos estudos de recreação e lazer.

Temas da Geografia e Turismo

Para finalizar esta discussão, traça-se uma compilação apresentada no quadro 1 sobre as temáticas que são abordadas na relação da Geografia com o Turismo com base em autores da Geografia e do Turismo. Entende-se que a ampliação da discussão da temática Turismo dentro da Geografia aconteceu a partir dos anos de 1980 com avanço nos aspectos conceituais e metodológicos. Vera *et. al.* (1997) citam Smith (1983), Shaw e Williams (1988), Burton (1991) e Pearce em diversas publicações.

JAFARI E RITCHIE (1981)	-Identificação e análise de regiões turísticas funcionais - Previsão do volume de viagens entre origens
CAZES (1992)	- A temática da distribuição da atividade turística no espaço (comportamentos da demanda, estratégias de localização, problemas de distância etc.) - A temática da produção espacial turística (representação, percepção, formas, modelos de ordenação, paisagem construídas etc.) A temática sobre a articulação espacial do sistema - turístico com o sistema local (processo de turistificação, impactos no território etc.)
VERA et al, (1997)	Em leitura mundial: - Na Alemanha: prioridade a aspectos morfológicos (paisagem) e sociais. - Na França: turismo internacional, modelos de pequena e grande escala. - Nos Estados Unidos e Reino Unido: recreação em áreas rurais e naturais e generalização dos temas de planejamento.
KNAFOU (1999)	- Territórios sem turismo. - Turismo sem territórios. - Territórios turísticos.
GOLDNER, RITCHIE, MCINTOSH (2002)	- Localização de áreas turísticas. - Deslocamentos de pessoas em função das localidades turísticas. - Mudanças que a atividade traz para a paisagem por causa das estruturas turísticas. - Dispersão do planejamento físico do desenvolvimento turístico e dos problemas econômicos, sociais e culturais.
RODRIGUES (2001)	- Dimensão espacial do turismo; fundamentos geográficos do turismo; ecoturismo; turismo ambiental; meio ambiente e turismo; gestão ambiental; avaliação de impactos ambientais em áreas turísticas; turismo, espaço, paisagem; turismo: potencialidades e impactos; estrutura e planejamento de unidades de conservação; ecossistemas brasileiros: potencialidades e conflitos; turismo e desenvolvimento sustentável; planejamento e gestão sustentável do turismo; dentre outros.
PEARCE (2003)	- Os padrões de distribuição espacial da oferta. - Os padrões de distribuição espacial da demanda. - A geografia dos centros de férias (veraneio). - Os movimentos e fluxos turísticos. - O impacto do turismo. - Os modelos de desenvolvimento do espaço turístico.

CORIOLANO E MELLO E SILVA (2005)	- Espaço geográfico, organização espacial, tempo, espaço rural e urbano, lugar, território, territorialidades, território turístico, desterritorializar e reterritorializar, paisagem, produção espacial, técnica, natureza, patrimônio histórico e artístico, sentimento de patrimônio, comunidade, turismo comunitário, arranjo produtivo, litoral, região, regionalização, cidade, cultura, mundo, local, população, rede, relação sociedade/natureza e unidade geoambiental.
----------------------------------	--

Quadro 1 – Temas da relação Geografia e Turismo

Fonte: REJOWSKI, (1997), VERA *et al* (1997), KNAFOU (1999), GOLDNER, RITCHIE, E MCINTOSH (2002), RODRIGUES (2001), PEARCE (2003), CORIOLANO E MELLO E SILVA (2005).

A partir deste escopo é possível observar a variedade de assuntos e em futura análise observar o que leva cada autor a justificar essas temáticas de acordo com suas ligações com a temática central. O objetivo foi apresentar que são distintas e variadas as visões e que se pode evoluir nesta área.

Considerações Finais

As discussões apresentadas visam defender as possibilidades de estudos do Turismo na Geografia, sem agressão a pensamentos e pressupostos das correntes de pensamento geográfico. Mas acreditando que estudos baseados em ideologias não trazem respostas para o saber-fazer.

Se houvesse um pensamento hegemônico, muito provavelmente a Geografia só estudaria o Turismo de base local ou comunitária e o desenvolvimento sustentável da atividade. Mas pode-se perceber que o leque de assuntos é mais vasto e permite que sejam exploradas questões econômicas, culturais, sociais, políticas, ambientais e tecnológicas do fenômeno turístico dentro da Geografia, tanto na perspectiva do espaço receptor como do emissor, tanto na figura da comunidade local como na do turista.

A Geografia Cultural sofre combate na Geografia e vem crescendo no país e no mundo e dentro dessa perspectiva o Turismo também surge para trabalhos que envolvem principalmente a percepção.

A Geografia Aplicada, uma necessidade para o mercado de trabalho do geógrafo também gera relatórios sobre turismo, haja vista que é uma atividade solicitada para planejamento dentro de municípios, estados e para a união.

Essa realidade, não quer dizer, que dentro destas vertentes não exista discussão profunda, que não haja um pensamento norteador, que não se considerem bases epistemológicas.

A responsabilidade de desenvolvimento desta atividade essencialmente capitalista deve ser uma premissa em todo tipo de discussão e aplicação. Entende-se que o turismo ordenado e bem gerido pode trazer benefícios a todos os atores envolvidos, mesmo em espaços criados e recriados para sua atuação, compreendo o espaço como dinâmico rumando para a pós-modernidade, que trará ainda outros desafios para as sociedades. Que terão cada vez mais vontade de se compreenderem por meio das viagens, das trocas de informações, das significações dadas a seus espaços.

Assim, pelo andamento das pesquisas na área, além da quantidade de pesquisadores envolvidos com o tema, acredita-se que é possível compreender uma Geografia do Turismo. Esta com ampla visão de discussão, valendo-se das bases epistemológicas da Geografia e considerando o Turismo como fenômeno socioeconômico moderno com vistas à pós-modernidade, situado numa sociedade capitalista com bases teóricas e aplicações práticas que podem ser desenvolvidas com responsabilidade social, cultural, econômica e ambiental.

Referências

ALBACH, V. M. **Panorama da pesquisa em Turismo nos mestrados em Geografia do Brasil**: o caso do mestrado em geografia da UFPR. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Paraná, 2010.

CARLOS, A. F. A. A. Geografia Crítica e a crítica da Geografia. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (03) Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24503.htm>> Acesso em mai 2011.

CASTRO, N. A. R. **O lugar do turismo na ciência geográfica**: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia Física Universidade de São Paulo, 2006.

CORIOLOANO, L. N. M. ; MELLO E SILVA, S. C. B. **Turismo e Geografia**: abordagens críticas. Fortaleza: Ed.UECE, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. As correntes do pensamento geográfico. In: _____. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1991. 93 p., p. 7-21

CRUZ, R. de C. A. da. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo, Roca, 2003.

DINIZ Filho, L. L.. **Perguntas necessárias**. 2011 Disponível em: <
<http://geografiaemdebate.webs.com/>> Acesso em mai 2011.

DINIZ Filho, L. L. **A Geografia viúva da revolução**. 2011 Disponível em:<
<http://geografiaemdebate.webs.com/A%20geografia%20viuva%20da%20revolucao.pdf>> Acesso em mai 2011.

HALL, C. M.; PAGE, S. J. **The Geography of Tourism and Recreation: environment, place and space**. Routledge: Nova York, 1999.

KNAFOU, R. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: Rodrigues, A. B. (org.) **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MORAES, A. C. R. de. **Geografia: Pequena História Crítica**. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

PEARCE, D. G. **Geografia do turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens**. São Paulo: Aleph, 2003.

REJOWSKI, M. **Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional x situação brasileira**. Campinas-SP: Papyrus, 1996.

GOLDNER, C. R.; RITCHIE, J. B.; MCINTOSH, R. W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias** trad. Roberto Cataldo Costa. 8ª ed. Porto Alegre: Bookman: 2002.

RODRIGUES, A. B. **Geografia do turismo: novos desafios**. In: TRIGO, L. G. G. (org) Turismo como aprender, como ensinar **Turismo: como aprender como ensinar**. 2ª ed. São Paulo: SENAC, 2002.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

VERA, J. F (coord.). et. al. **Análisis territorial del turismo**. Barcelona: Ariel, 1997.

XAVIER, H. **A Percepção Geográfica do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.